

"OS FILHOS DA VILA RESISTEM": MOBILIZAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E CONFRONTO NUM MOVIMENTO SOCIAL URBANO EM FORTALEZA, CE¹.

Aline Maria Matos Rocha, doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC-CE) e professora na Universidade de Fortaleza (UNIFOR-CE).

Linda Maria de Pontes Gondim, Socióloga, Doutora em Planejamento Urbano e Regional e professora titular da Universidade Federal do Ceará (UFC-CE), Orientadora.

Palavras-chave: movimentos sociais urbanos; repertórios de confronto; Resistência Vila Vicentina.

RESUMO

Esta pesquisa, em andamento, consiste num trabalho de tese que tem como recorte empírico o movimento Resistência Vila Vicentina. Objeto de filantropia, a Vila Vicentina da Estância é um conjunto de 45 casas e uma capela, construídas no final da década de 1930, para abrigar idosos que migraram para Fortaleza por conta da estiagem. Localizado no bairro Dionísio Torres, o terreno ocupado pela Vila vem sendo objeto de disputa do mercado imobiliário, em virtude de sua valorização. Organizado desde 2016, um grupo de moradores do local vem se mobilizando com o objetivo de contestar a venda do terreno e a negociação de algumas casas, que foram demolidas no mesmo ano, numa ação de reintegração de posse. Contribuindo para legitimar a luta, está o mapeamento da área como Zona Especial de Interesse Social (Zeis) no último Plano Diretor de Fortaleza; além do tombamento provisório do local, por seu valor histórico, arquitetônico e urbanístico. Por meio de um estudo de natureza qualitativa, mediante permanência prolongada e intermitente no campo, venho realizando observações e incursões etnográficas, entrevistas e análise de documentos, além de estudo da literatura que envolve a ação coletiva na teoria social. Desse modo, analisar estratégias de mobilização e confronto utilizadas pelos movimentos sociais urbanos é o principal objetivo do trabalho. Dedico-me a compreender práticas de organização da ação coletiva atuais, envolvendo conflitos relacionados ao direito à cidade, os quais permeiam a luta pela moradia e permanência no espaço urbano. Fazendo parte dos objetivos, estão a consideração dos diferentes recursos acionados pelo movimento e sua efetividade para pressionar opositores, o que implica na identificação do papel que as tecnologias de informação e comunicação desempenham nesse processo. Fator relevante é que, atualmente, a mobilização em torno de problemas sociais tem encontrado na Internet um espaço de expressão e visibilidade importante, mas não exclusivo,

¹Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

destacando o caráter híbrido de fenômenos dessa natureza. Essa condição conduz a posturas que se “desdobram”, de maneira simultânea, na observação e inserção em espaços on e offline - o que tem exigido uma reflexão constante sobre meu papel e conduta em campo. Por sua vez, o percurso metodológico envolve disposições e triangulações que consideram contexto virtual e presencial, caracterizando, por meio desse percurso, o estudo de objetos multissituados. Os achados parciais da pesquisa trazem a descrição do caso, destacando os repertórios de confronto que têm se mostrado efetivos na disputa. Além disso, soma-se ao conjunto das reflexões, aspectos vinculados à memória, ao afeto e ao sentimento de pertença dos moradores-resistentes para com o lugar que ocupam há décadas.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata do estudo de movimentos sociais urbanos pautados na disputa pela permanência na cidade. A terra urbanizada, fruto de trocas mercantis, tem sido, historicamente, objeto de consumo para aqueles que possuem recursos financeiros, o que exclui parcelas da população que não se inserem como mercado consumidor da habitação. Essa relação entre detentores e não detentores de terra urbana produz grandes problemas nas cidades brasileiras. São dessa tensa relação o processo em que ocorrem as ocupações informais e ilegais, com sua população, muitas vezes, alijada de condições mínimas de infraestrutura urbana, como acesso à rede de saneamento básico, áreas de lazer e transporte público - apenas para citar alguns equipamentos.

O problema de pesquisa versa sobre os repertórios de confronto que vêm sendo utilizados no processo de organização da ação coletiva, tendo como recorte o movimento Resistência Vila Vicentina, em Fortaleza, CE. Trata-se de uma pesquisa de tese em andamento, a qual busca compreender o quanto a cidade e suas questões fornecem elementos motivadores para a ação coletiva, pautados na luta pelo direito à cidade. Oferecem mote à construção desse trabalho, a exposição do percurso metodológico utilizado, com o objetivo de compartilhar os caminhos que vêm sendo trilhados em meio à inserção no campo.

Os movimentos sociais urbanos constituem-se como ações mais ou menos organizadas, as quais tem se pautado pela defesa do direito à moradia digna, dentre

outras demandas mais contemporâneas, vinculadas à diversidade de modais de transporte, às questões ambientais e de gênero, artísticas e culturais, dentre outras.

Em síntese, a Vila Vicentina da Estância (VVE) é um conjunto de 45 casas e uma capela, que foi construído no final da década de 1930, em Fortaleza, num terreno doado a uma instituição filantrópica religiosa, a Sociedade São Vicente de Paulo, que destinou as casas a idosas migrantes do interior do Estado, vitimadas pela seca. À época de sua construção, o local em que se situa as casas não fazia parte do perímetro urbano dotado de infraestrutura, estando a certa distância do centro da cidade, uma vez que não contava com vias públicas de acesso nem outros serviços como água encanada ou luz elétrica.

Com o passar do tempo, o bairro em que se localiza a Vila Vicentina da Estância sofre valorização, em virtude de sua ocupação por residências, comércio, serviços e infraestrutura. Fazem limites com a área, os bairros Aldeota, Cocó, Joaquim Távora e Meireles, espaços de grande valor imobiliário na capital.

Diante desse contexto, o terreno ocupado pela VVE passa a ser objeto de interesse do mercado imobiliário. Localizada no Dionísio Torres, alguns dos moradores da Vila Vicentina da Estância, vêm resistindo à oferta de investidores imobiliários interessados no terreno em que se situam suas casas. O movimento alcançou repercussão na internet, mobilizando atores diversos em favor de sua causa e vem conseguindo vitórias importantes, quais sejam: a inclusão da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) Dionísio Torres, pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, na lista das Zeis consideradas prioritárias para fins de regulamentação; e o tombamento provisório do conjunto de casas, consideradas elementos referenciais importantes e marco do processo de expansão urbana da cidade de Fortaleza.

As estratégias que vêm garantindo êxito ao movimento passam pelo acionamento de mecanismos legais de defesa do direito à cidade, aliado ao uso de redes sociais digitais, e participação em outros movimentos sociais urbanos que vem articulando-se, em Fortaleza, na luta pela permanência na cidade e acesso a benefícios básicos de urbanização.

Neste trabalho, apresento aspectos gerais relacionados ao objeto de estudo, chamando a atenção para o percurso metodológico que venho seguindo. Realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de observações sistemáticas junto aos eventos realizados pelo movimento Resistência Vila Vicentina. Tais observações desenvolvem-se tanto em caráter presencial como pelo acompanhamento de publicações na página do movimento, mantida no portal de relacionamentos Facebook. O contato com os moradores que fazem parte do movimento Resistência Vila Vicentina (RVV) iniciou no final do ano de 2016. Desde então, temos ingressado nas ações do movimento, acompanhado suas atividades, estratégias e organização de suas ações. Além das observações diretas, realizou-se entrevistas com membros do movimento, com a advogada que acompanha o caso, com arquitetos e especialistas em patrimônio cultural e arquitetônico.

Os fenômenos sociais de um modo geral, e em particular aqueles que encontram na internet um importante meio de difusão, caracterizam-se tanto por sua complexidade, como pela necessária reflexão sobre como investigá-los, e “acessá-los” por meio da pesquisa sociológica. Sabendo da necessidade de colocar em discussão uma proposta metodológica que leve em conta as especificidades de fenômenos dessa natureza, apresento algumas considerações acerca das formas de abordagem e estudo sistemático do objeto em questão.

Tem sido relevante ao estudo considerar as reflexões propostas por Michel Agier (2011), o qual propõe conceitos e modelos de análise para a área de estudos urbanos em que a antropologia oferece sua contribuição. O autor toma partido pelo desenvolvimento de uma antropologia da cidade, confirmando pressupostos que estabelecem a necessidade de se conhecer o contexto relacional produzido no espaço urbano.

Isso torna-se possível quando se conhece a cidade do ponto de vista dos cidadãos, observados em suas vivências cotidianas e situações de experiência concreta, indica Agier (2011). Ao destacar tais parâmetros para se pesquisar fenômenos urbanos contemporâneos, numa perspectiva socioantropológica, as intenções da pesquisa

aproximam-se de sua concepção acerca das relações e requisitos para a condução de estudos na/da cidade.

O objeto de estudo em questão diz respeito a mobilizações coletivas oriundas de problemas urbanos localizados, situados geograficamente na cidade. A mobilização em torno desses problemas e demandas sociais têm encontrado na internet, por meio das redes sociais digitais, espaço não só para divulgação, sinalizando para algo de maior complexidade e significação. Desse modo, a pesquisa tem se “desdobrado” na observação e inserção nesses espaços que possuem múltiplos atravessamentos.

2 A CIDADE COMO OBJETO DE DISPUTA E A AÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS

Contestações coletivas que envolvem a cidade não são algo recente. Na modernidade, sobretudo sob as consequências das Revoluções Industrial e Francesa, nos séculos XVIII e XIX, a produção e reprodução do espaço urbano passam a abrigar conflitos latentes e manifestos, fruto de disputas políticas, econômicas e sociais. No contexto atual, percebe-se que a peculiaridade dos fenômenos que envolvem contestações coletivas, está em seu caráter híbrido, resultante da relação entre recursos da Internet e a ocupação do espaço urbano (CASTELLS, 2013; GOHN; BRINGEL, 2014).

Contemporaneamente, a relação híbrida entre espaço urbano e ciberespaço tem contribuído para ampliar o potencial de divulgação dos movimentos, trazendo a disseminação de ideias para uma nova escala. Essa relação pode acarretar numa maior visibilidade de problemas relacionados ao cotidiano urbano, tais como: escassez de habitação digna, abandono do espaço público, gentrificação, violação de direitos urbanos, insuficiência e falta de equidade de políticas públicas, dentre outros.

O campo de estudo ora considerado versa sobre movimentos sociais que tem a cidade, ao mesmo tempo, como *locus* e como objeto. O estudo dos movimentos sociais contemporâneos não passa sem a consideração do instrumental das tecnologias de informação e comunicação. Nesse sentido, temos observado o caráter de tais condições

técnicas na organização da ação coletiva. Os resultados até então alcançados têm permitido relativizar o peso da internet, o que, por sua vez, não retira o caráter estratégico de seu uso pelos movimentos.

No caso da Vila Vicentina, a intensa valorização imobiliária dos terrenos acarreta na pressão para que seus moradores vendam suas casas. Parte das famílias que ocupam a área reuniram-se formando um grupo que se opõe à saída do local e sua negociação, formando o movimento RVV. Em 2016, nove famílias ocupantes da vila negociaram a venda de suas casas ao grupo interessado na construção de duas torres de edifícios no local. Essa negociação culminou com uma ação de reintegração de posse, ocorrida em outubro de 2016, que demoliu quatro das casas negociadas. O evento da demolição teve repercussão na internet, fazendo com que os membros do movimento pela resistência não abrissem mão do uso da rede como estratégia de grande valor para suas ações.

A RVV, desde seu início, apresenta como estratégia de ação o uso de redes virtuais. O movimento mantém uma página no Facebook, iniciada em outubro de 2016, com publicações que versam sobre a história do local e denúncias sobre a remoção sofrida, além de vídeos e imagens das atividades em que os integrantes do movimento participam, tais como audiências públicas, reuniões, dentre outras ações.

Para os propósitos da pesquisa temos considerado a investigação dos repertórios de confronto e princípios de organização da ação coletiva que vêm sendo implementados pela RVV. O *repertório de confronto* é um dos conceitos tidos como fundamentais para o entendimento dos movimentos sociais, de acordo com Charles Tilly (1977). Para esse autor, o conceito de repertório designa o conjunto de ações disponíveis para protestar, considerados os diferentes períodos históricos (BRINGEL, 2012). Nesse sentido, a noção de repertório expressa a “interação histórica e atual” entre os participantes de um movimento social e seus opositores. Cabe mencionar que o repertório de confronto não é objeto de escolhas individuais (MCADAM; TARROW; TILLY, 2009, p. 24), sendo, portanto, influenciado pelo contexto social em nível macro. Ao mesmo tempo, a noção de repertório não é rígida. Uma vez que as estratégias utilizadas pelos atores sociais possuem certos princípios, estas também podem sofrer

alterações e reformulações, a depender dos fatores e recursos a disposição. McAdam, Tarrow e Tilly (2009) querem dizer com isso que os atores sociais escolhem estratégias de enfrentamento, mas o fazem dentro de alternativas política, social e historicamente determinadas. Os atores também formulam e reformulam estratégias, conforme circunstâncias sobre as quais podem não ter nenhum controle.

Atualmente, cabe destacar as estratégias utilizadas pelos movimentos quanto à criação de espaços para troca de informações, publicização de ações e articulações. Tais estratégias passam pelo uso de espaços virtuais. A comunicação virtual assumirá papel estratégico quanto à visibilidade e exposição de reivindicações, ao colocar em destaque os atores de um conflito, mediante um instrumento visibilidade potencial.

Contudo, convém esclarecer que a internet não eliminou repertórios convencionais, como greves e manifestações de rua, dentre outras de caráter local e presencial. No que se refere às ações do movimento observado, percebi que o uso da internet, ao mesmo tempo que não é uma estratégia descartada pelo grupo, também não é supervalorizado por ele, tendo assumido o caráter de visibilidade das ações da RVV, realizadas presencialmente.

Para os membros do movimento é crucial que suas estratégias não fiquem limitadas e circunscritas à rede digital, sendo também de grande importância que nenhuma de suas ações e eventos, ocorridos presencialmente, não estejam publicados em sua página virtual, ao mesmo tempo, ponderando sobre o que irá ou não ser exibido.

O movimento RVV tem assumido pelo menos duas grandes “frentes de luta”, identificadas pelos seus integrantes como protagonistas e que vêm garantindo vitória ao movimento. São elas: a conquista pelo tombamento provisório, o qual teve três pedidos concomitantes junto à prefeitura de Fortaleza; e a inclusão da Zeis Dionísio Torres como uma das Zeis prioritárias para fins de regulamentação na prefeitura.

Ambas as conquistas, ainda consideradas parciais, são reputadas, dentre outros fatores, à repercussão do movimento nas redes sociais digitais. Os achados parciais da pesquisa ratificam a percepção do caráter híbrido das estratégias de ação, organização e confronto dos movimentos sociais urbanos contemporâneos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO: O LUGAR DO OBJETO NA PESQUISA SOCIOANTROPOLÓGICA

A pesquisa possui natureza qualitativa e, até o momento, realizamos entrevistas com alguns dos participantes do movimento Resistência Vila Vicentina, com profissionais que atuam como apoiadores do movimento, assim como estudiosos e pesquisadores que militam sobre as causas urbanas que se vinculam à defesa da moradia e do patrimônio edificado e simbólico da cidade. Quatro entrevistas foram realizadas até o momento, valendo destacar que uma delas foi coletiva, em que participaram seis membros do movimento pela Resistência.

Somando-se às entrevistas, entram o exame de publicações, documentos, matérias de jornal e bibliografia específica, o que se traduz no esforço de utilizar fontes de informação diversas, que sejam úteis e pertinentes ao estudo do objeto.

Deve-se ressaltar o papel da observação como técnica de pesquisa e inserção no campo, a qual se dá mediante participação em eventos de natureza pública, como reuniões, assembleias, rodas de conversa, atividades lúdicas e oficinas, que são realizadas por movimentos sociais urbanos, de um modo geral, e pelo caso estudado, como estratégias de divulgação, mobilização e conquista de apoiadores. A inserção nesses espaços nos credencia como pesquisadoras, proporcionando proximidade e confiança junto aos membros do movimento RVV.

Em dezembro de 2016, foi realizada a primeira visita à Vila Vicentina da Estância (VVE10) – momento em que expressamos a necessidade de “ver mais de perto a realidade social”, conforme Beaud e Weber (2014) definem o pesquisador e o etnógrafo. Justificando a presença em campo estava uma roda de conversa sobre a história das vilas de Fortaleza, na primeira metade do século XX. Mediaram a atividade, professores da Universidade Federal do Ceará, do curso de Arquitetura e Urbanismo, Clóvis Jucá e Margarida Andrade.

Daí em diante, as visitas foram sistemáticas. Desde dezembro de 2016 até agosto de 2018, temos registradas em diário de campo o total de 45 visitas à VVE. Devem ser acrescidos eventos e atividades que se realizam fora da Vila, mas que seus

representantes se fazem presentes, como constituintes de momentos de “presença” e encontro com o campo, o que adiciona mais uma dezena de participações e acompanhamento de atividades necessárias ao corpus da pesquisa.

As observações não se encerram no momento das visitas presenciais, uma vez que a “presença” no acompanhamento e registro das ações do grupo também ocorrem em meio virtual. Por esse motivo, as ações do movimento na Internet também constituem momentos necessários da observação, em que são acompanhados o caráter das divulgações e natureza daquilo que é visibilizado.

Agier (2011) defende que o estudo de categorias como o Estado, o cidadão, os movimentos sociais, a metrópole, a cidade etc, torna-se impossibilitado de ser acessado empiricamente se não contar com perspectivas observáveis, as quais só são obtidas por meio do envolvimento direto com o campo e da observação em situação, *in situ*. Aquelas totalidades conceituais, como “o cidadão da metrópole” ou a “sociedade da informação”, por exemplo, partem de perspectivas apriorísticas acerca da cidade e do modo de vida urbano, que deixam escapar porosidades e inconstâncias conceituais que os contextos locais e experiências tornam acessíveis.

Dessa forma, deve-se refletir sobre como "acessar" tais realidades. Que "programa de pesquisa" responderia a realidades continuamente construídas pelos agentes sociais, principalmente quando se trata de pesquisar fenômenos espacial e virtualmente situados?

A Resistência Vila Vicentina tem realizado suas atividades de mobilização, organização e confronto por meio de estratégias híbridas, as quais acionam o uso de recursos digitais – através da Internet – e presenciais. Tivemos acesso ao movimento a partir de sua repercussão virtual. Contudo, as observações não se limitam às redes digitais, tendo desdobrado-se no acompanhamento das atividades do grupo *in situ* – para usar o termo de Agier (2011).

Parte-se do princípio que as premissas indicadas por Michel Agier (2011) são válidas para situar estratégias de análise do objeto pretendido, principalmente ao se ter mente as especificidades do campo investigado. Tais premissas e unidades de análise

sugerem uma retomada da cidade como espaço estratégico para compreender questões contemporâneas, bem como aquelas que se relacionam à cultura e às práticas sociais.

Para Agier (2011, p. 38), é necessário deslocar o eixo problemático no estudo da cidade de “o que é cidade?” para “quem faz a cidade?”. O desafio que se apresenta é teorizar a cidade a partir de um conhecimento empírico alicerçado na observação de realidades microssociais, as quais podem ser acessadas por meio de “unidades de análise”, as quais reconhecemos úteis para o estudo que vem sendo realizado. Essas unidades seriam capazes de promover a ligação entre os resultados da observação.

É nesse sentido que a perspectiva “de perto” e “de dentro” (MANGNANI, 2002) reveste a atividade em campo, principalmente ao tratar de perspectivas observáveis que têm lugar também na Internet. Ao mesmo tempo, reafirmamos, assim como Hine (2000), que essa postura é reflexiva e inseparável do contexto em que é empregada. Esse aspecto torna a reflexividade uma condição cada vez mais exigida em pesquisas cuja especificidade ancora-se na relação híbrida entre contexto virtual e presencial, as quais possuem particularidades espaço-temporais que “borram” fronteiras mais ortodoxas de apreensão da sociedade.

O recurso metodológico que torna possível a proximidade relacional com o objeto de estudo, dentro da perspectiva "de perto" e "de dentro", é o trabalho de campo (AGIER, 2011; MANGNANI, 2002), que permite o olhar relacional e microssocial, favorecendo os estudos e o campo teórico da cidade. Não se trata de pensar uma cidade-abstração, como denuncia Agier, mas (re)situá-la junto a práticas sociais passíveis de serem observadas em lugares, situações e movimentos.

No que diz respeito aos objetos multissituados, cabe comentar que, para Hine (2009, p. 87, tradução minha), “a etnografia virtual se dá no/de e através do on-line e nunca está desvinculada do meio off-line, acontecendo através da imersão e engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio”.

Conforme Beaud e Weber (2014, p. 192) três condições são essenciais ao que se entende por pesquisa etnográfica, sendo elas: o meio estudado deve satisfazer a uma relação de interconhecimento, em grau elevado: é o que distingue uma interação pessoal

da interação anônima, isto é, ao pesquisador é atribuído um papel; a pesquisa deve ser de longa duração, para que as relações pessoais entre pesquisador e pesquisados se estabeleçam e se mantenham; e o pesquisador deve adquirir uma conduta reflexiva sobre a pesquisa e seu trabalho de campo.

Em alguma medida, a inserção no campo satisfaz a todas essas condições. Temos um papel na VVE, em que existem relações de interconhecimento bem estabelecidas; porém, as situações em que ocorrem esse envolvimento são pontuais, de certa forma restritas a eventos específicos em que nossa presença se faz necessária.

Diante disso, e das situações de observação experimentadas, a relação de proximidade com o campo delinea-se em torno do que Goldman (1995) chama de “observação flutuante” e “intermitente”. Para esse autor, em pesquisas sobre o que se convencionou chamar de “sociedades complexas”, há a necessidade de substituir estudos de “longa duração” por pesquisas de “longuíssima duração”. A substituição dá-se principalmente em razão de que, nessas sociedades, o pesquisador não é necessariamente um estrangeiro, em oposição ao “nativo”; uma vez que pesquisa sua própria sociedade, o esforço de distanciamento deixa de ser apenas espaço-temporal para se tornar sobretudo “moral”. Nesse sentido, as situações de observação dão-se em caráter intermitente, e a observação direta e contínua converteria-se em: “[...] ‘observação flutuante’, semelhante à ‘escuta flutuante’ do psicanalista: o observador está sempre em situação de pesquisa, sua atenção podendo ser exigida a qualquer instante” (GOLDMAN, 1995, p. 146).

Essa postura “intermitente” e “flutuante” constitui e exige uma presença continuada em campo e atenta à dinâmica do objeto; porém, as situações de envolvimento e de observação são sempre parciais, cabendo ao pesquisador uma reflexão constante sobre sua conduta e papel em campo, condição que o permite ter melhor clareza dos limites e alcances de sua observação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno estudado caracteriza-se pela relação cidadão-cidade-movimentos sociais. A manifestação dessa relação desdobra-se em contextos multissituados,

passando pelo reconhecimento do papel das tecnologias de informação e comunicação. Um dos desafios que se apresenta é atentar para as especificidades do fenômeno, levando em conta as condições de inserção em campo, de permanências, e de triangulações que se fazem necessárias à condução da pesquisa.

Para tanto, esclarece Clifford (2002, p. 19) que “se a escrita etnográfica [interpretação de dados do campo] não pode escapar inteiramente do uso reducionista de dicotomias e essências, ela pode ao menos lutar conscientemente para evitar representar 'outros' abstratos e a-históricos”.

As pessoas interpretam as outras e a si mesmas. Em campo, o pesquisador está imerso na mesma ânsia interpretativa e no mesmo jogo de autodescoberta. Essa heteroglossia deve ser assumida na pesquisa sob a forma de narrativas e olhares que não sufoquem o discurso do outro. Não se trata de uma tarefa simples, e os pressupostos que a envolvem me fazem (re)ver meu lugar em campo, assim como os diversos lugares em que a cidade e seus cidadãos dizem estar, se identificar, e pelo que vale a pena lutar.

Nas palavras de Goldman (1995, p. 135), esse movimento indica a tentativa de:

“[...] levar às últimas consequências nosso inevitável envolvimento pessoal e sócio-político com o “outro” e com o conhecimento a seu respeito. Tarefa que pode ser desenvolvida de várias maneiras e em inúmeras direções: explorando os efeitos que o observador e sua sociedade exercem na observação de campo e no relato etnográfico que dela deve derivar [...].

Analisar práticas de organização da ação coletiva contemporâneas, envolvendo conflitos e disputas relacionadas ao direito à cidade tem sido o principal objetivo da pesquisa. Tal investigação leva à compreensão das estratégias de mobilização e confronto adotadas, o que implica considerar os diferentes recursos utilizados e a efetividade de seus usos para produzir transformações e pressionar opositores.

Ao levantar o conjunto dessas questões espera-se contribuir para o estudo dos movimentos sociais e de suas formas de expressão contemporâneas. Simultaneamente, o percurso metodológico vem exigindo disposições e triangulações que consideram os contextos virtual e presencial, perfazendo uma trilha que pode lançar luz ao estudo de objetos multissituados – aqueles cuja manifestação encontra recorrência em diversos

campos e escalas da vida social, inclusive à relação entre espaço virtual e presencial (MARCUS, 1995).

Esses pressupostos vêm norteando a pesquisa, estabelecendo um conjunto de parâmetros que visam a compreensão do fenômeno de organização da ação coletiva, a partir de estudos empiricamente sustentados.

5 REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALCÂNTARA, L. M. Ciberativismo e a dimensão comunicativa dos movimentos sociais: repertórios, organização e difusão. *Política & Sociedade*. v. 15, n. 34, p. 315-338, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15n34p315/33271>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova*, São Paulo, v. 76, p. 49-86, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a03.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRINGEL, Breno. Com, contra e para além de Charles Tilly: mudanças teóricas no estudo das ações coletivas e dos movimentos sociais. *Sociol. Antropol.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 43-67, jun. 2012

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas. In: CARDOSO, Ruth. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 17-37.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005.

GHIONE, Roberto. Patrimônio além da arquitetura. O edifício Caiçara, os movimentos sociais e o direito à cidade. *Minha Cidade*, São Paulo, ano 17, n. 195.04, *Vitruvius*, out. 2016. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/17.195/6256>>.

GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno. (Orgs.) *Movimentos sociais na era global*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. Teorias dos movimentos sociais na contemporaneidade. In: GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno. (Orgs.) *Movimentos sociais na era global*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.19-36.

GOLDMAN, Márcio. Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões. *Anuário Antropológico/93*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. O aquario e os peixes: grandes projetos de Requalificação Urbana e movimentos sociais. *Acta Científica do XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*, 2013a.

<http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT20/GT20_dePntesGodim.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

_____. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013. *Polis* [En línea], 44, set. 2016. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/polis/11944>>. Acesso em: 07 set. 2018.

_____. O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade. São Paulo: Annablume, 2007.

_____; GOMES, Marília Passos Apoliano. O direito à cidade em disputa: o caso da Zeis do Lagamar (Fortaleza-CE). *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 507-527, 2012.

_____; ROCHA, Aline Maria Matos. Repertórios de confronto em movimentos sociais urbanos: os casos da “Resistência Vila Vicentina” e do “Quem Dera Ser um Peixe”, em Fortaleza-CE. *Revista de Ciências Sociais*. Vol. 50, n.1. Mar. 2019. No prelo.

HINE, Christine. How can qualitative Internet Reserarchers define the boudaries of their project? In: MARKHAM, A.; BAYM, N. *Internet inquiry: conversations about method*. Los Angeles: Sage, 2009.

_____. *Etnografía virtual*. Barcelona: UOC, 2004.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, California, v. 24, pp. 95-117, 1995.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. *Lua Nova*, São Paulo, n. 76, p. 11-48, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264452009000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jan. 2017.

TILLY, Charles. *From mobilization to revolution*. Newberry Award Records, 1978.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. nov. 2012. *Ponto Urbe*. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/300>>. Acesso em: 7 nov. 2018.